**Pedagogia da cooperação: a ética humanista no cotidiano da escola**

Lídia Rafaela Alves Batista[[1]](#footnote-1)

Gabriela Oliveira Lima[[2]](#footnote-2)

Sheyla Maria Fontenele Macedo[[3]](#footnote-3)

**RESUMO**

Este artigo configura-se num texto sobre a Pedagogia Cooperativa e seus respectivos princípios e práticas assentes na ética humanista. A pesquisa é de caráter bibliográfico e consiste num dos resultados do projeto de extensão “Forma’ ‘Ação’ – A ética humanista do educador: práticas pedagógicas éticas, solidárias, da cultura de paz e do respeito à diversidade”, do Departamento de Educação, do *Campus* Avançado Maria Elisa de Albuquerque Maia (UERN). Ressaltamos nesse trabalho o porquê e como a competição não é uma prática pedagógica eficiente e destacamos como a cooperação é um modelo mais humano, sensível e eficaz, e que desenvolve muitos valores éticos para a vida em sociedade. O objetivo deste trabalho é o de revelar a Pedagogia da Cooperação, como uma rota que ferramenta pedagogicamente o educador em direção ao ensino-aprendizagem ético-humanista. Ou seja, uma educação em que todos os envolvidos no ambiente escolar desenvolvam práticas que visem o bem comum, fundamentado num bem pensar, sentir, fazer, integrar. Reconhecemos que o texto suscita inúmeras reflexões, e que ao alcançar os profissionais da educação, será promotor de uma rede de mediação do bem de pessoa a pessoa.

**Palavras-chave:** Pedagogia. Cooperação. Ética humanista.

**INTRODUÇÃO**

Desde os primórdios o homem tem a capacidade de transmitir os conhecimentos adquiridos em suas culturas e vivências. Apesar de sermos caracterizados como seres competitivos por natureza, há registros de que muitos povos primitivos cooperavam entre si para garantirem sua sobrevivência. Por meio dessa coletividade e troca de saberes o homem foi se organizando em seu meio social, criando melhorias e evolução para sua vida. Orlick (1989), afirmava que o comportamento não-agressivo e ajuda mútua possuíam grande valia para a sobrevivência. As espécies subsistem pelo aprimoramento de sua capacidade de cooperação.

No decorrer da história da humanidade, diríamos que em razão de uma luta desmedida pela sobrevivência, a competitividade foi tomando lugar do cooperativismo. Dessa forma, desde crianças somos ensinados a competir com tudo e com todos, em que por meio das brincadeiras e jogos competitivos, adquirimos comportamentos e valores do meio ao qual estamos incluídos (ORLICK, 1989). Com isso, as crianças são encorajadas desde cedo a serem “campeãs”, onde os resultados a serem alcançados valem mais do que o conhecimento adquirido durante o trajeto.

A partir da Idade Moderna o olhar humanista e cooperativo ressurge, e assim a busca por uma escola mais cooperativa. No século XVII, o mestre Joachim Fortius afirmou que, “se um aluno desejasse obter progresso em sua carreira acadêmica, ele deveria dar aulas diariamente dos conteúdos específicos que estava aprendendo para outros companheiros de classe”, é comprovado cientificamente que as crianças aprendem melhor quando estão trabalhando em conjunto (CARVALHO, 2000, p. 89).

Estudiosos começaram a propor ideias de escolas cooperativas (BROTTO, ARIMATEIA, 2013; ORLICK, 1989), para que assim as crianças voltassem a conviver em harmonia e agir em comum-unidade. Então, a partir deste princípio, começa-se a falar em pedagogia da cooperação. “Quando se fala em pedagogia da cooperação, imagina-se um caminho de *ensinagem* compartilhada no qual cada pessoa é considerada um mestre-aprendiz, *com-vivendo* a descoberta de si mesma e de sua *comum-unidade* com os outros” (BROTTO, ARIMATEIA, 2013. p. 11). Assim, se faz a pedagogia do bem-estar e do bem-viver, onde todos caminham juntos buscando o mesmo objetivo, não existindo vencedores ou perdedores e sim uma comum-unidade em harmonia e felicidade. Valores esses que consistem nas bases axiológicas da ética humanista, que de acordo com Macedo (2018) se encontra “[...] fundada na premissa da transformação da pessoa para o social e desse para a pessoa. ” (p. 46).

Com essa visão desenvolvemos esse trabalho com o objetivo de conhecer a Pedagogia da cooperação, assente nas bases epistemológicas de uma ética humanizadora.

Dessa forma, o trabalho se apresenta em três subtítulos: a) Competição *versus* cooperação; Pedagogia da cooperação e ética humanista; c) Pedagogia da cooperação, aprendizagem cooperativa e práticas. O texto se desenvolve com base nos seguintes referenciais teóricos Brotto e Arimateia (2013), D’Ávila (2003), Freinet (1998), Macedo (2018) e Orlick (1989).

Compreendemos que este artigo ao alcançar o número máximo de profissionais que atuam na esfera da educação, poderão se sensibilizar para conhecer e utilizar esse modelo de ensino-aprendizagem cooperativa em sala de aula, de modo a transformar a realidade que vivemos.

**COMPETIÇÃO VERSUS COOPERAÇÃO**

A antropóloga Margaret Mead, depois de ter analisado diferentes sociedades, provou que existem povos ancestrais que não pautam suas vidas pela competição. Concluiu então que os vários graus de competição e de cooperação existentes são determinados pelas respectivas estruturas sociais. Segundo as reflexões de Brotto e Arimateia (2013, p. 16):

[...] o ser humano é socializado e socializa os seus semelhantes para a cooperação e para a competição por meio da educação, da cultura, do esporte e da informação. Portanto, tornar a sociedade solidário-cooperativa ou solitário-competitiva é uma ação política, isto é, uma “arte” pessoal e coletiva capaz de realizar o melhor possível para todos

Mead definiu a competição como o ato de procurar ganhar do outro o que ele está se esforçando para obter, ao mesmo tempo. Assim como o comportamento individualista onde alguém se empenha para conseguir algo sem se importar com o outro (ORLICK, 1989). Seguindo seus pensamentos poderíamos concluir que não é de natureza humana competir. O meio social é que transforma o homem, potencializando uma forma ou outra, e assim, a maneira mais “relevante” será a que vai se sobrepor.

Nossa sociedade não é competitiva, ela se tornou desta maneira pela sua organização social. O capitalismo como modelo socioeconômico influencia bastante para a competitividade, mas ainda assim, e dependendo das nossas ações, podemos criar convivências mais justas e igualitárias para transformar as sociedades.

A cooperação traz o melhor de nós e podemos observar isso quando trabalhamos com o outro mantendo esse sentimento, pois desempenhamos melhor as atividades, sem estresse, angústia ou qualquer sensação que cause inferioridade ou agitação e o resultado traz alegria e prazer para todos. Ao contrário da cooperação, a competição aumenta a ansiedade, estresse, angústia, a alegria se torna individualista e o prazer é perdido pelo desejo de ser superior ao outro.

A cooperação é uma característica da vida e um valor ético. Sobre esse ponto, Macedo (2018) inferência que os valores éticos:

[...] são os que nos humanizam (...) e que funcionam como potenciais, como molas propulsoras da vontade, e nos mobilizam a considerar todos os prós e contras para se chegar a alguma escolha, e que, em não poucas ocasiões, são esses também os que nos dão as condições para superar as adversidades da vida. (p.274).

Assim, a colaboração é fundamentada no respeito mútuo e na confiança, por isso é necessário gerar situações didático-metodológicas na escola para que ela se desenvolva. Por isso a prática de jogos cooperativos se faz tão necessária no espaço pedagógico. O fato de termos sidos educados para não expor nossas fraquezas, para não confiar no outro, torna tudo mais plangente. É necessário criar oportunidades para que possamos reeducar nossos pensamentos, sentimentos e instintos de autopreservação.

Seguindo esse raciocínio, com o passar das gerações o instinto de competição foi repassado desde do ambiente familiar até as escolas, e com isso, a escola veio a se tornar um grande palco da competitividade humana, ao invés de ser um lugar de múltiplas “com-vivência” positivas.

**PEDAGOGIA DA COOPERAÇÃO E A ÉTICA HUMANISTA**

A palavra Pedagogia tem origem na Grécia antiga, *paidós* (criança) e *agogé* (condução), pedagogo seria aquele que conduz a criança a algum lugar. Galilei considerava os educadores como “parteiros de ideias”, aquele que desperta as potencialidades latentes do Ser (BROTTO, 1999). Aliando-se ao real significado de Pedagogia, surge a pedagogia da cooperação, fazendo jus ao seu conceito: “Do ponto de vista das interações sociais, a aprendizagem cooperativa contribui para o desenvolvimento de habilidades relacionais e formação de atitudes interpessoais positivas” (D’ÁVILA, 2003. p. 280).

Brotto e Arimateia (2013. p. 11) definem a pedagogia da cooperação como:

[...] uma pedagogia viva, que acontece em diferentes *momentos* e em muitos *movimentos*, sendo articulada organicamente com os passos e *com-passos* dados ao longo do caminho por aqueles que caminham. É uma jornada de realização exterior para promover a transformação interior da pessoa e do grupo.

É uma pedagogia da transformação, do despertar de um “Eu”, com foco nas relações do sujeito e sua interação, buscando um bem-comum, com “[...] princípios, valores, visões de mundo e perspectivas sobre a coexistênciahumana como bagagem essencial para uma boa jornada” (BROTTO, ARIMATEIA, 2013. p. 12). Uma mudança na essência do ser, que mudamos primeiro a nós mesmos, nos transformamos em seres melhores para assim modificar o nosso meio social, começando pelos comportamentos indesejáveis em grupo, que deverão ser exclusos e assim nos adequamos a sociedade.

Na Pedagogia cooperativa as situações de comunicação, em contexto natural e significativo, são condição para o desenvolvimento das ações pedagógicas. O seu primeiro objetivo está em facilitar a tomada de consciência de que os educandos possuem capacidades e saberes de que poderão dispor, se se organizarem para resolver problemas pessoais e de grupo de forma a se auto-responsabilizarem pelos seus percursos e projetos, reforçando a sua identidade e autonomia. E isso se faz mediante as trocas inter e intragrupais, mediante a comunicação entre os pares (D’ÁVILA, 2003. p. 280).

Dentro desse contexto, podemos afirmar que a cooperação é um meio pedagógico importante, porque faz reflexões além do intelecto, desenvolvendo instintos coletivos buscando um bem comum e com isso, o ensino se torna mais fácil e leve. Pois, “[...] a aprendizagem cooperativa sustenta a valorização dos sentimentos positivos acerca de si próprio, da interação em situações sociais, da capacidade para resolução de problemas e realização de projetos coletivos” (D’ÁVILA, 2003. p. 284).

Podemos afirmar que, a pedagogia cooperativa se encontra atrelada aos princípios de uma ética humanista, que tem como foco a formação da pessoa:

[...] em processo de alteridade, sem espaço para posturas narcísicas ou egoístas. Uma ética baseada na postura reflexiva consciente, e na sensibilidade ética, na *práxis*, capaz de determinar o melhor caminho para as tomadas de decisões que exijam uma consistência na seleção de valores. Ética essa apoiada no preceito do que é bom para a vida, e não para o tempo histórico que se vive. (MACEDO, 2018, p. 478).

Brotto e Arimateia (2013) definiram quatro princípios básicos e de natureza ética para o exercício da pedagogia da cooperação: coexistência, “com-vivência”, cooperação e “comum-unidade”.

O princípio da coexistência é o aprender a conhecer. Nossas ações estão sempre ligadas a algo ou a alguém, estamos interligados a uma grande teia chamada existência. Assim como dizia Isaac Newton, “para cada ação existe uma reação, inevitavelmente o que fazemos vai gerir uma reação na vida do outro”. Nem sempre temos essa visão consciente que interdependemos do outo, “[...] é preciso continuar observando a vida de forma mais atenta, ampla e profunda, para que se possa enxergar os efeitos e os defeitos das atitudes e comportamentos praticados nos vários ambientes frequentados diariamente, em especial no ambiente das escolas [...]” (BROTTO, ARIMATEIA, 2013. p. 14).

O princípio da “com-vivência” é aprender a conviver. O desafio aqui é se reconhecer no outro, sendo esse também um dos fundamentos da ética humanista. Quando algumas pessoas se juntam em prol de uma causa, estão colocando-se no lugar de um bem-comum e esse sentimento deve ser exercitado. “Saber-se uma pessoa importante e valiosa por ser exatamente quem se é e, ao mesmo tempo, reconhecer que cada uma das outras pessoas é tão importante e valiosa quanto [...]” (BROTTO, ARIMATEIA, 2013. p. 15). Quando estou ciente que uma boa “com-vivência” trago benefícios não só para um, mas para todos. Nesse princípio, além de destacarmos o papel da inclusão em comunidade no sentido físico (deficiências, por exemplo), tratamos também de um sentido mais conotativo de ideias, emoções e sentimentos em geral.

O princípio da cooperação se encontra assente no aprender a fazer em comum união (comunhão).

[...] é preciso nutrir e sustentar permanentemente o processo de integração da cooperação no cotidiano pessoal, comunitário e planetário, reconhecendo-a como um estilo de vida, uma conduta ética vital, que sempre esteve presente, consciente ou inconscientemente, ao longo da história de civilização (BROTTO, ARIMATEIA, 2013. p. 15).

Portanto, transformar a cooperação em estilo de vida, e em prática nas escolas, se configura no desafio de trazer para nosso cotidiano as experiências e convivências cooperativas, vivendo os princípios de coexistência e “com-vivência’, lembrando que o outro tem papel fundamental em nossa existência e nas ações que vivenciamos.

O princípio da comum-unidade, aprender a ser, denota o aprender a conviver em grupo, conforme já o dissemos, mas respeitando a individualidade de cada um. “O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros” (FREIRE, 1996. p. 25).

Em linhas gerais, a pedagogia cooperativa se traduz em uma nova forma de conceber a educação, assente no pensar, agir, sentir eticamente com relação a cada pessoa, respeitando as individualidades que cada um possui, em síntese “[...] criar, desenvolver e sustentar comunidades significa cultivar cotidianamente novas maneiras de *ser* e de *se fazer* no mundo [...]” (BROTTO, ARIMATEIA, 2013. p. 20).

**PEDAGOGIA DA COOPERAÇÃO, APRENDIZAGEM COOPERATIVA E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS**

Existe uma distinção entre pedagogia e aprendizagem cooperativa, “[...] podemos afirmar que o conceito de Pedagogia inclui o processo de aprendizagem, mas não se restringe a este” (D’ÁVILA, 2003. p. 275). Na pedagogia cooperativa a educação está voltada para a cultura de uma ética humanista, de cooperação, ou seja, uma metodologia voltada a organização do trabalho escolar e não escolar em colaboração. Na aprendizagem cooperativa, o aluno é o centro e o seu colega tem papel fundamental para lhe auxiliar no processo de aprendizagem e na sua interação ao meio social, o que condiz com seu desempenho no meio. Ou seja, o papel do outro é responsável para formação de um eu, onde ambos aprendem juntos seu papel social e agem de maneira colaborativa.

O aluno pode manter um desempenho com a aprendizagem cooperativa e as crianças podem melhorar sem precisar desenvolver o hábito de querer ser sempre o melhor, estar à frente do outro, de vencer a outra pessoa. Não significa que o professor vai aceitar tarefas inadequadas, malfeitas, mas vai desenvolver a capacidade do seu melhor sem instigá-lo a uma competição. A recompensa se torna mais eficiente quando é compartilhada com o colega, a humilhação não se faz necessário e assim ganha-se espaço para uma felicidade coletiva. Assim como afirmam Brotto e Arimatéia (2013, p.15):

O desafio dos pedagogos da cooperação é *re-crear* a todo instante as (im) possibilidades educativas para estimular o envolvimento de todos que, por alguma razão, sentimento, sensação ou decepção, imaginam que o *não-querer* é igual ao *não-poder*; e, aí, imaginando que *não-podem*, dizem que *não-querem*.

Enunciamos alguns percussores do ideário cooperativo, Freinet (1998), que via a cooperação como essência do trabalho humano; Terry Orlick, percussor dos jogos cooperativos no mundo; e no Brasil, Anísio Teixeira e Paulo Freire trazendo uma pedagogia humanizadora; Fábio Brotto, que difundiu os jogos cooperativos no Brasil e que esquematizou as seis práticas cooperativas fundamentais ao educador que se propõe a se lançar sob a linha epistêmica da Pedagogia da Cooperação (BROTTO; ARIMATEIA, 2013):

1. Fazer com-tato (aprender a ser e conviver) – promover o toque e aproximação entre os alunos;
2. Estabelecer com-trato (aprender a conviver) – criar acordos para os todos terem bem-estar em comum-unidade;
3. Compartilhar in-quieta-ações (aprender a conhecer) – compartilhar perguntas, dúvidas sobre a atividade central proposta;
4. Fortalecer alianças e parcerias (aprender a conviver) – praticar valores de autonomia, respeito, empatia, etc., entre os participantes;
5. Reunir soluções como-uns (aprender a conhecer e a conviver) – colher soluções e propostas em comum;
6. Praticar a transformação (aprender a fazer e a ser) – Transferir a cada dia a cooperação e seus exemplos em comum-unidade;

Essas, são seis práticas que devem existir em sala de aula para a concretização de uma pedagogia cooperativa para ser-e-estar em grupo de uma forma mais íntegra, juntamente com os seus princípios (coexistência, “com-vivência”, cooperação e comum-unidade). A pedagogia exercida sobre as bases cooperativas permite que a ética humanista desponte na escola como “[...]uma prática que permite ao ser humano aflorar o melhor de si ao mundo, e que ao ser forjada como conduta, permitiria gerar uma rede de bem”. (MACEDO, 2018, p.479).

É cada vez mais desafiador um ensino cooperativo em uma sociedade competitiva, onde têm-se o costume de desistir antes mesmo de tentar por medo de perder, medo da imagem que será criada e sermos considerados perdedores. O primeiro desafio para os pedagogos da cooperação é quebrar essa visão que alguém precisa perder para haver vencedores, que todos podem ganhar, cada um ao seu tempo, porém, o mais importante: em cooperação. Eis o desafio principal da pedagogia cooperativa: revisitar a si mesmo, enquanto educador, para identificar as crenças limitantes que se possui, e que não permitem que se possa construir a escola como um novo espaço, o da participação de todos.

Para autores, como Freinet, Orlick, Brotto e Macedo, a cooperação é fundamental e de tamanha importância tanto na educação quanto no convívio social, em todos os momentos. “Um dos mitos que foi derrubado pela pesquisa sobre o aprendizado cooperativo é o de que a competição é necessária para que os estudantes aprendam ou tenham um bom desempenho” (ORLICK, 1989. p. 27).

Na pedagogia cooperativa a comunicação é imprescindível em sala de aula, em todo o contexto escolar, o diálogo é a chave para uma boa “com-vivência”. O professor não é o único detentor do saber e na sala de aula cooperativa todos aprendem juntos. O mestre se torna mediador do conhecimento e o ensino não é bancário, todos têm o direito de exporem suas opiniões sem restrição, cada um constrói sua autonomia sem abater a do outro.

Partindo dessa ideia, Brotto (2013) afirma que existem procedimentos facilitadores do desenvolvimento da cooperação em diferentes grupos e ambientes, o que vale especialmente para a escola. Entre eles: “O círculo e o centro”. Esta, é uma didática que é vista atualmente na maioria das salas de aula, onde os alunos são organizados em suas cadeiras em forma de círculo. Uma metodologia que instiga a comunicação visual e oral de forma igualitária. Para Brotto (2013, p.7):

Assim, em círculo, somos estimulados e estimuladas a manter atitudes e relações circulares, aquelas que são capazes de aparar as arestas, de arredondar os cantos, de harmonizar as diferenças e de encurtar as distâncias... Aproximando-nos do *Centro* Como-Um.

Outra didática usada nessa pedagogia é uma “Ensinagem Cooperativa”, em que os professores terão que criar um clima harmonioso, com uma instrução de cumplicidade e transcendência para auxiliar nos processos de decisão em aula. Esta ferramenta pode ser aplicada desde da resolução de um exercício, como também em uma decisão de avaliação, métodos de ensino, gestão educacional, planejamento pedagógico, etc., onde todos os envolvidos não serão coadjuvantes, mas juntos serão uma equipe cooperativa buscando um bem-comum. Como diz Brotto (2013, p.9):

Enquanto pedagogos e pedagogas na cooperação, nossa tarefa é criar e manter um ambiente de cooperação, suficientemente, favorável para o desabrochar da consciência da cooperação em cada pessoa, em cada grupo, em cada instituição e em toda a comum-unidade.

Também temos como forma de instigarmos a cooperação nas escolas, através dos jogos cooperativos. Esses, são comumente usados e podem ser aplicados em todas as disciplinas, desde que reconheça a importância de aprender a fazer com o outro e valorizar os processos de construção coletiva (BROTTO, 2013).

Um dos pontos fundamentais dessa Pedagogia, consiste ainda em oportunizar a criação de temáticas que realmente preparem os educandos para a vida. Sob esse ponto de vista, Freinet (1998, p.29) adverte que

Esta escola já não prepara para a vida; não está voltada nem para o futuro, nem mesmo para o presente; obstina-se num passado que não volta […]. […] A Escola que não prepara para a vida, já não serve a vida; e é essa a sua definitiva e radical condenação […].

Em outras palavras, a Pedagogia Cooperativa não se circunscreve tão somente a práticas de cooperação, mas embute em si, uma nova forma de pensar a educação e seus sujeitos. Ao pensar a vida, será preciso que cada pessoa envolvida na relação ensino-aprendizagem seja enxergada como um ser individualizado na relação com a comunidade. Porém, não aniquilado por esta, mas em que sua voz terá vez, o que nos remete à ética humanista assente na perspectiva dialógica e dialética (MACEDO, 2018).

Esses, são alguns exemplos de Pedagogia Cooperativa que somadas a pequenas iniciativas resultam em novas experiências escolares e fazem os educandos criarem mais atenção e motivação ao hábito de estudar.

**ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

A partir do texto é possível perceber que o ser humano sofre a ação social, isto quer dizer que, ao mesmo tempo em que é socializado e socializa os seus semelhantes. Entretanto, é preciso questionar as bases sob as quais esse processo tem se desenvolvido nas atuais sociedades. Os princípios da competição, da concorrência, da eficiência, do vencer a todo o custo, têm ocupado o espaço dos valores éticos que consideramos imprescindíveis para a formação de sociedades eticamente funcionais.

Orlick (1989, p. 19) apresenta que “[...] nosso sistema educacional é baseado na competição e não ensinamos nossas crianças a amarem o aprendizado”. Não se pode amar aquilo que se teme. Não se pode querer aprender sob as bases daquilo que nos diminui enquanto seres humanos. A Pedagogia da Cooperação é um campo da ciência pedagógica assente em fundamentos de uma ética humanizadora, e com base em metodologias que visem favorecer a cooperação e o valor de todos os envolvidos. Para que isso aconteça, a escola, e por sua vez os educadores, tem a responsabilidade de conhecer, aprender e colocar em ação os quatro princípios e as seis práticas cooperativas descritas neste artigo. Ao mesmo tempo que o pedagogo se importa em ser presente no desenvolvimento da aprendizagem do educando, isto se torna recíproco, e o aluno terá mais desejo em aprender, assim como também gerará um fator comum sala de aula: à medida que existe a ajuda mútua de ensino, todos saem ganhando.

O instinto competitivo foi um anti valor que a sociedade “criou” e com isso, passou de geração a geração, tornando as pessoas menos cooperativas, influenciando, inclusive, o ambiente escolar. A Pedagogia Cooperativa, tenta resgatar esses valores éticos, tais como o da colaboração, o da comum-unidade, o do bem-comum, o do bem-estar e o da coexistência, que pouco têm sido lembrados na história educacional humana. Este artigo, para além do objetivo posto no início, também teve a intenção de resgatar um dos valores primordiais existentes no ser humano: a cooperação. E resgatar que os valores éticos possam “[...]ser criados de modo a assumir um caráter de permanência (justiça, igualdade, amizade, colaboração, etc.), “ (MACEDO, 2018, p. 209) na vida humana.

Reafirmamos o quanto este modelo de Pedagogia passa a ser importante na escola, em sala de aula, fora dela, mas que, acima de tudo, é capaz de deixar um legado de bem as novas gerações humanas.

**REFERÊNCIAS**

BROTTO, F.O; ARIMATÉIA, D.J. **Pedagogia da Cooperação**. Brasília: Fundação Vale, UNESCO, 2013 (Cadernos de referência de esporte; 12).

BROTTO, Fábio Otuzi. **Jogos cooperativos: o jogo e o esporte como um exercício de**

**Convivência**. Campinas, SP, 1999.

CARVALHO, Frank V. **Pedagogia da cooperação**. Florianópolis: UFSC, 2000.

D’ÁVILA, Cristina Maria**. Pedagogia cooperativa e educação a distância: uma aliança possível.** Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 12, n. 20, p. 273-285, jul./dez., 2003

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREINET, Célestin. **A educação pelo trabalho**. São Paulo: Martins Fontes, 1998. (Publicada originalmente em 1947)

MACEDO, Sheyla Maria Fontenele. **A formação ética profissional do pedagogo na realidade brasileira. Um estudo de caso**. 2018. 513f. Tese (Doutorado em Educação). Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, Portugal, 2018.

ORLICK, Terry. **Vencendo a competição**. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.

1. Graduanda do Curso de Pedagogia - PEDAGOGIA – UERN/ CAMEAM [↑](#footnote-ref-1)
2. Graduanda do Curso de Pedagogia - PEDAGOGIA – UERN/ CAMEAM [↑](#footnote-ref-2)
3. Professora Adjunta II do Departamento de Educação do CAMEAM (Orientadora). [↑](#footnote-ref-3)